



# A SOCIEDADE 5.0: A SOCIEDADE DA IMAGINAÇÃO É UMA UTOPIA?

*Gil Giardelli*

Tempos de pensar o impensável, com a imaginação como motor para resolvermos nossos problemas complexos.

A emergência respiratória fez o mundo se enxergar como uma grande aldeia global, um lugar em que a velocidade da inovação aumentou dramaticamente.

Se, antes, homens de capacete foram o coração da classe trabalhadora, agora o são as mulheres de jalecos da indústria da saúde, acompanhadas de pessoas trabalhando de suas casas – pesquisando e analisando o mundo – como cientistas de dados.

Percebemos uma mudança de era quando adotamos novos conceitos e palavras: Sociedade 5.0, AI Economy, Globotics (convergência de serviços e robótica), Capitalismo sem Capital e Corporações Cognitivas são precursores de uma nova transformação nunca vista na humanidade.



## BEM-VINDOS À SOCIEDADE 5.0

O Japão foi o pioneiro em discutir a Sociedade 5.0 – a sociedade da imaginação. Apresentada pelo governo japonês na Cúpula do G-20, em Osaka, em junho de 2019, coloca a criatividade no centro dos processos.

A Sociedade 5.0 é o H2H (*human to human* – humano para humano), trazendo centralidade ao homem e tendo como eixos centrais de formação do ser humano os estudos dos Ss (*science, society and spirituality* – ciência, sociedade e espiritualidade).

**Na Sociedade 5.0 são utilizadas as fronteiras das tecnologias cibernéticas para melhorar saúde, mobilidade, educação, produtividade, desafios sociais, dados abertos, segurança cibernética e governança mundial de dados.**

Nesta mudança de era, vivemos dos conceitos de ESG (governança ambiental, social e corporativa) nas esferas dos negócios, em uma era pós-petróleo, em um mundo transnacional digital e transdisciplinar.

No mundo dos negócios, bancos centrais, empresas multinacionais e empreendedores debatem e tentam aplicar os conceitos de corporações 360° (empresas como atores sociais e comerciais, trabalho com propósito, produtos ou serviços socialmente responsáveis e desempenho financeiro aos acionistas). E como aplicar a gestão da inovação, gestão do presente e gestão do futuro em uma sociedade global do conhecimento?

Pelos labirintos corporativos, novas expressões são sussurradas: destruição criativa, inovação disruptiva, era cognitiva, era dos makers (colaborativo), *hackathon*, cocriação, computação quântica e outras tantas tendências exponenciais.

## UMA ERA DE MUDANÇA OU MUDANÇA DE ERA?

Percebemos o impacto e a importância do pensamento profundo e intelectual, que se debruça sobre as fronteiras futurísticas como: manufatura molecular, 5G e 6G, computação quântica, *greenovation* (inovação verde), brancura artificial, futuro sintético, eticismo, imortalidade virtual, “paixão pela ignorância”, *cyborgization*, epistocracia (conhecimento científico + poder), arquitetos da atenção, Teoria Nudge (descreve como determinados gatilhos influenciam a decisão humana), *Novacene*, *Data Age*, *Mathematical Thinking*, Humanoides, Revolução P2P, *bitcoin*, *crowded orbits*, ciência multidisciplinar, CRISPR-Cas9 (nome dado para uma técnica de edição genética utilizado para modificar sequências de DNA), robótica vestível, fronteira espacial, civilização cósmica, superinteligência...

E uma série de palavras sem tradução, que potencializam novas formas de ver e agir no mundo.

## O FIM DE BRETTON WOODS?

Está em xeque o mundo imaginado pelo filósofo iluminista Adam Smith, que, em 1776, descreveu uma nova era nas riquezas das nações. Ele desconstrói os indicadores econômicos que foram criados ou ganharam força no Acordo de Bretton Woods (que estabeleceu regras para as relações comerciais e financeiras entre os países mais industrializados do mundo), em 1944.

Precisamos refletir sobre o que faremos com um mundo todo construído no período pós-Segunda Guerra Mundial? E que já acabou! A questão é: O que faremos com instituições como OMS, ONU, OMC, FMI, Banco Mundial e Basileia? Todas elas possuem grandes dificuldades de responder às demandas desses novos tempos.

## BEM-VINDOS AO AI ECONOMY

**Estamos saindo da era na qual a economia dependia unicamente da produção de objetos, commodities e infraestrutura para entrarmos no limiar de uma economia circular, digital, de baixo carbono e pós-industrial. Um momento em que a educação de alto impacto e o poder intelectual contam tanto quanto portos.**

Para calcular o PIB no século 21, algumas nações somam acúmulo de capital, base intelecto e a difusão da inteligência artificial em seus países.



## GLOBOTICS – A NOVA GLOBALIZAÇÃO DOS AI IMIGRANTES

De maneira geral, ela pode ser caracterizada pela interação do melhor da capacidade dos humanos e do *machine learning* para que as empresas contratem os melhores profissionais globais. É o *tsunami* de talentos.

Os mecanismos de holograma, realidade estendida, telepresença, realidade aumentada e até realidade virtual promovem um novo tipo de trabalho, o Fisital – presença física e virtual, sem separação. Mudanças de vínculo de trabalho, *gig economy* (prestação de trabalhos temporários) e P2P são sinais desta nova revolução. Cria-se um novo tipo de cidadania global e alguns falam em Cidadania 2.0. Os conceitos fronteira, identidade nacional e imigração são embaralhados.

## A “ROTA DA SEDA DIGITAL” DO SÉCULO 21

O que os ingleses fizeram na Primeira Revolução Industrial com seus trens a vapor, a China repete a fórmula na Quarta Revolução Industrial e na Sociedade 5.0, investindo bilhões de dólares em várias economias da Ásia e da Europa, criando em mais de cem países uma grande rede de 5G, cabos de fibra óptica, *data centers*, *hubs* e zonas de livre comércio digital e cidades inteligentes, incluindo sistemas de navegação por satélite, inteligência artificial e computação quântica.

Conhecido como cyber-soberania, cria um ambiente digital internacional com diplomacia digital e governança multilateral, o que leva a China à supremacia quântica e à busca da maior superpotência tecnológica do século 21. O país asiático apoia a interdependência econômica, a conectividade digital nas economias em desenvolvimento e expande sua influência internacional, econômica, estratégica e militar. Além disso, adota um modelo que combina o capitalismo liderado pelo Estado com uma forma de liberalismo econômico apoiado por uma ampla gama de tecnologias digitais. Desta forma, deixa para trás o *laissez-faire*, o conceito de “o fim da história” e o *status quo* do pós-Segunda Guerra Mundial.



## O PÊNDULO GIROU E KEYNES VOLTOU

Sente os ventos da “Era da Turbulência”? Sente os ventos do “Século Asiático”?

John Maynard Keynes, visionário sobre o desemprego tecnológico, patrono das artes, filantropo e economista britânico, com a elegância da nobreza do seu país, previu que o capitalismo duraria aproximadamente 450 anos. Keynes defendeu que o capitalismo teve início no século 16, com as grandes navegações de Sir Francis Drake patrocinadas pela rainha Elizabeth I, indo aproximadamente até 2030, quando a humanidade resolveria o problema de nossas necessidades e passaria a preocupações mais altas.

Tudo indicava que as respostas para uma nova humanidade e uma nova forma de capitalismo nasceriam no Ocidente, e não no dragão chinês. O quadro é uma antítese da democracia moderna com mistura de socialismo, liberalismo econômico e pitadas de capitalismo keynesiano.

O pêndulo girou e Napoleão voltou. O imperador francês, em 1816, profetizou: *“Deixem a China dormir, porque quando ela acordar o mundo inteiro tremerá!”*. O gigante dragão acordou. Bem-vindos ao “Século Asiático”, à “Era da Turbulência” e a um novo capitalismo.

## OS 3 S’s E AS DESIGUALDADES INSUSTENTÁVEIS – ENXERGAR O QUE NÃO ENXERGÁVAMOS ANTES

Em um futuro imaginado e pós-pandêmico, chegaremos à era dos 3 S’s dos estudos do futuro: *science, spirituality and society* (em português – ciência, espiritualidade e sociedade); e dos inúmeros C’s: cocriação, conexão, ciência da computação, ciência cognitiva, colecionadores de ideias, criatividade, colaborações, conversas, competição e controle.

A jovem economista americana Heather Boushey – membro do Conselho de Consultores Econômicos do governo Joe Biden – resumiu esta era: “Desigualdade é um dreno de talento, ideias e inovação. A desigualdade está alimentando a agitação social. A desigualdade é prejudicial ao crescimento econômico.”

***Em tempos de desigualdades insustentáveis, os conflitos culturais, sociais e políticos desafiam os conceitos de Estados-nação e carregam a crise da democracia e a fé no progresso.***



## **DESTRUIÇÃO CRIATIVA**

São tempos de destruição criativa, como nos ensinou o economista Joseph Schumpeter, em 1941. “Se você não reinventar o que você estiver fazendo, alguém fará isso!”

Quando temos este cenário, a bola da vez é o poder da destruição criativa para reparar um mundo fraturado pela COVID-19, que expôs todas as fissuras do sistema.

A solução da destruição criativa nos levará a um futuro justo e próspero, à grande resposta ao desemprego tecnológico, estagnação secular, armadilhas de renda média, mudança climática, extremismos e ruptura social.

Precisamos criar um mundo que não seja repleto de ilhas da inovação. Precisamos de construtores de pontes de um mundo inovador e inclusivo. Precisamos – em tempos de inteligência artificial – aprender a apreciar melhor a única inteligência verdadeira que conhecemos – a nossa.

## **APARENTEMENTE, A TURBULÊNCIA É O NOVO NORMAL**

Olhe em volta! Olhe novamente! O mundo atual é mais emocionante que a ficção científica.

O futuro já chegou! Acontece neste segundo, agora. Em toda parte. O tempo todo. Evidentemente, está mal-distribuído.

Percebe? É o futuro entre nós! E o mundo? Ah, o mundo, ainda nem começou a mudar...



## **Gil Giardelli**

*Professor e conferencista*

Membro do WFSF (Federação Mundial de Estudos do Futuro) em Paris e da World Future Society em Chicago. Idealizador de vários cursos executivos e de MBA em áreas de conhecimento como Gestão da Mudança e a Transformação digital, futuro inteligente, Quarta Revolução Industrial e a Era Cognitiva, Comunicação Digital, entre outros, Gil tem sido o pioneiro no lançamento de temas relevantes e inovadores no Brasil. Faz a curadoria e o projeto educacional para levar executivos para imersão em universidades de high education ao redor do mundo como Stanford University, Imperial College London e MIT. Estudou Radical Innovation, Social Data, Beyond Innovation no Massachusetts Institute of Technology (MIT), Future of Talent em Stanford University e Macroshifting Imperial College London. É difusor de conceitos e atividades ligados à sociedade em rede, inovação, colaboração humana, economia criativa e estudos do futuro.

